



Boletim do

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

ÓRGÃO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL – SEÇÃO BRASILEIRA: PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
11 de setembro de 2014

41 anos do golpe militar no Chile

Em 11 de setembro de 1973, o general Augusto Pinochet, amparado pelos Estados Unidos, derrubou o governo constitucional de Salvador Allende. O golpe militar se caracterizou por se identificar com o fascismo: intervenção em todas as organizações operárias, camponesas, populares e civis; prisões e assassinatos de opositores em campo de concentração (oficialmente, 3.200 mortos e desaparecidos, 37 mil vítimas de prisões e torturas); supremacia total das Forças Armadas e dos órgãos de segurança.

Hoje, dia 11 de setembro de 2014, completam 41 anos do golpe fascista de Pinochet. Essa data sangrenta que infelicitou o povo chileno deve ser lembrada como uma experiência contrarrevolucionária, que impôs 16 anos de ditadura militar. Contrarrevolucionária porque no fundamental foi dirigida para esmagar o movimento da classe operária, dos camponeses e da pequena burguesia urbana empobrecida.

É preciso, no entanto, extrair a principal lição. O golpe de Pinochet foi gestado nas entranhas do governo de Unidade Popular (UP). Aliança entre o Partido Socialista e o Partido Comunista – entre a socialdemocracia e o estalinismo.

O presidente Salvador Allende, membro do Partido Socialista, encabeçou a frente popular concebida pelos estalinistas. Constituiu um governo pequeno-burguês apoiado pela maioria dos miseráveis e pobres. Como tal, assumiu a função de governo burguês, uma vez que passou a gerenciar o capitalismo, a preservar a grande propriedade dos meios de produção e a submeter o movimento revolucionário das massas ao Estado.

Um governo burguês pode ser provisoriamente formado por partidos da pequena burguesia,

como era o caso do Partido Socialista. Sem dúvida, essa possibilidade é excepcional, ocorre nas condições de crise dos partidos burgueses e desenvolvimento da correlação de força entre as classes em favor dos explorados. É necessário para isso que exista um partido da pequena burguesia que assuma posições reformistas de esquerda. Foi o caso do Partido Socialista Chileno. O Partido Comunista se constituiu, por sua vez, como o partido operário orientado à conciliação com uma fração burguesa considerada erroneamente de progressista e anti-imperialista. Serviu de escora ao partido pequeno burguês socialdemocrata de Salvador Allende, munido com a tática estalinista da frente popular e da diretriz da revolução pacífica.

O governo pequeno-burguês de frente popular assumiu o objetivo histórico de exercer a ditadura de classe da burguesia sobre a maioria oprimida, embora afirmasse o contrário com o palavreado socialista. Está aí por que o governo da Unidade Popular conservou o principal esteio da ditadura de classe da burguesia, que são as Forças Armadas.

As transformações socialistas graduais e pacíficas prometidas pela coligação PS/PC viriam das eleições e da própria democracia burguesa. Essa possibilidade nunca foi provada pela história. E não seria o Chile que iria demonstrar o contrário. A burguesia somente perde o poder por meio da revolução proletária. Essa via está comprovada por inúmeras revoluções do século XX.

O Partido Comunista Chileno não chegou a se construir como um partido assentado no programa da revolução proletária. Eis por que negou terminantemente a teoria marxista do Estado e da revolução violenta. Em sua essência o Estado

é um instrumento do poder da classe dominante sobre os explorados. No capitalismo, o Estado assumiu a forma de ditadura de classe da burguesia sobre o proletariado e demais oprimidos. Somente será enfraquecida, desintegrada e, finalmente, destruída pelo processo revolucionário, encarnado pelo proletariado e dirigido pelo partido marxista.

O reformismo e o oportunismo surgiram e se organizaram precisamente como adversários da teoria marxista do Estado e da revolução proletária, ou seja, da estratégia da ditadura do proletariado. No Chile, foi possível a aliança entre o Partido Socialista e o Partido Comunista dada à convergência estratégica de conservação da ditadura de classe da burguesia e da idealização de seu enfraquecimento, desintegração e, finalmente, substituição por meios constitucionais, pacíficos, democráticos e eleitorais.

A essência da frente popular está em que o governo da UP manteve e assumiu a ditadura de classe da burguesia. Não é por acaso que o fascista Augusto Pinochet era um ministro militar do governo de Allende. A classe operária e os camponeses não puderam soldar uma aliança revolucionária para derrubar o poder da burguesia, uma vez que estavam submetidos à frente popular e ao governo burguês de Allende.

Essa configuração política somente foi possível porque a crise chilena se aprofundou e a burguesia e o imperialismo não tiveram como utilizar seus meios contrarrevolucionários para impedir a ascensão de um governo de aliança PS/PC. A frente popular assim serviu de traição ao movimento das massas que se dirigia contra o Estado burguês e seus partidos. E de falsificação dos fundamentos históricos do socialismo.

A caracterização de Leon Trotsky de que a frente popular, por ser de conciliação de classes, serviria de último recurso da burguesia para derrotar a revolução se confirmou também no Chile (anteriormente, havia se confirmado na Espanha e na França).

Na América Latina, os partidos comunistas aplicaram copiosamente a tática e a orientação estratégica do estalinismo, apoiando governos burgueses. No Brasil, o Partido Comunista concluiu sua trajetória subordinado ao governo burguês nacionalista de João Goulart. Mas, foi no Chile que o estalinismo pôde ir até as últimas consequências com sua política contrarrevolucionária.

Nesse 11 de setembro de 2014, o Estado chileno está sob a condução do Partido Socialista, sob a presidência de Michelle Bachelet. O Partido Comunista apoiou sua eleição, constituiu a aliança “Nova Maioria” e integra o governo.

Depois do golpe sangrento e dos anos de limpeza política promovida pela ditadura fascista, o Partido Socialista ressurgiu renovado. Abandonou o palavreado socialista, livrou-se da ala esquerdista, participou da redemocratização com Pinochet e assumiu a feição inequivocamente pró-imperialista. O Partido Comunista foi duramente golpeado, perdeu a influência sobre o proletariado e se reorganizou carregando em suas costas o peso da traição.

A tragédia chilena não se limita ao percurso do socialismo pequeno-burguês e do estalinismo. Há que se considerar a incapacidade das correntes que se reivindicam do trotskismo em constituir o programa da revolução chilena e derrotar político, ideológico e organizativamente o estalinismo. O agrupamento inicial e o seu desmembramento posterior demonstram que essa vanguarda não chegou a assimilar o Programa de Transição da IV Internacional e, assim, não pôde edificar o partido-programa no Chile. Essa tarefa está para ser enfrentada.

A experiência com o governo de Unidade Popular e com a trajetória do PS/PC se tornou imprescindível para o acerto de contas com o socialismo pequeno-burguês e com o estalinismo. A constituição de uma nova vanguarda revolucionária depende dessa compreensão e do trabalho de formação dos quadros programáticos no seio do proletariado.

Nos 40 anos do golpe militar no Chile, ocorrido no ano passado, o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional publicou um Boletim especialmente dedicado a um balanço dessa experiência. Foi um esforço coletivo que, cedo ou tarde, temos a certeza, dará seus frutos. É claro que é preciso que se tenha um trabalho constante e uma atenção especial à revolução chilena.

Morte ao pinochetismo!

Viva a revolução proletária!

Construir o Partido Operário Revolucionário no Chile, como parte da reconstrução da IV Internacional!

11 de setembro de 2014